

Estado da publicação: O preprint foi publicado em outro meio.
DOI do preprint publicado: <https://doi.org/10.17058/rea.33.20333>

Inteligência artificial e construção da autoria: disputas discursivas na era algorítmica

Elaine Conte, Catia Piccolo Viero Devechi , Patrícia Gusmão Maciel

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.11664>

Submetido em: 2025-04-03

Postado em: 2025-04-08 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

ARTIGOS

Inteligência artificial e construção da autoria: disputas discursivas na era algorítmica / *Artificial intelligence and authorship construction: discursive disputes in the algorithmic era*

Elaine Conte*

Universidade La Salle

<https://orcid.org/0000-0002-0204-0757>

Catia Piccolo Viero Devechi**

Universidade de Brasília

<https://orcid.org/0000-0002-5147-1609>

Patrícia Gusmão Maciel***

Universidade La Salle

<https://orcid.org/0000-0002-8354-2774>

RESUMO

Os avanços tecnológicos no campo da inteligência artificial (IA) têm reconfigurado os modos de recepção, circulação e produção autoral, gerando novas tensões entre originalidade, criatividade e apropriação discursiva. Este estudo investiga os impactos da IA sobre as práticas autorais e os processos de construção do sentido, considerando como algoritmos preditivos e generativos influenciam a formação de públicos e a disseminação de discursos. A partir da perspectiva bakhtiniana, examina-se a dialogicidade presente na produção textual mediada por IA e as implicações epistemológicas dessa mediação para os conceitos de autoria e polifonia. Metodologicamente, realiza-se uma análise discursiva de textos gerados por IA e de debates acadêmicos sobre o tema, observando a relação entre previsibilidade algorítmica e a construção de sentidos. Os resultados apontam para um deslocamento na concepção tradicional de autoria, evidenciando a necessidade de novas categorias analíticas para compreender a produção discursiva contemporânea.

PALAVRAS-CHAVE: inovação educacional, tecnologia digital, inteligência artificial.

ABSTRACT

Technological advances in the field of artificial intelligence (AI) have reconfigured the modes of reception, circulation and authorial production, generating new tensions between originality, creativity and discursive appropriation. This study investigates the impacts of AI on authorial practices and meaning-building processes, considering how

* Universidade La Salle, Canoas, Rio Grande do Sul (RS), Brasil; Bolsista de Produtividade Desen. Tec. e Extensão Inovadora do CNPq; elaine.conte@unilasalle.edu.br

** Universidade de Brasília. Brasília, Distrito Federal (DF), Brasil; catiaviero@gmail.com

*** Universidade La Salle. Canoas, Rio Grande do Sul (RS), Brasil; patricia04maciel@gmail.com

predictive and generative algorithms influence audience formation and discourse dissemination. From the Bakhtinian perspective, we examine the dialogicity present in the textual production mediated by AI and the epistemological implications of this mediation for the concepts of authorship and polyphony. Methodologically, a discursive analysis of texts generated by AI and academic debates on the subject is carried out, observing the relationship between algorithmic predictability and construction of meanings. The results point to a shift in the traditional conception of authorship, evidencing the need for new analytical categories to understand the contemporary discursive production.

KEYWORDS: *educational innovation, digital technology, artificial intelligence.*

Introdução

Aprender uma linguagem é interagir no mundo. A formação em redes de linguagem e (multi)letramentos implica reconhecer que afetamos as percepções e discursos uns dos outros, tecemos pensamentos coletivos e convivemos com diferentes autorias, narrativas e culturas no espaço escolar. Bakhtin (2010) nos ajuda a ressignificar essa formação ao propor que o conhecimento não é uma aquisição individual, mas um processo intersubjetivo, no qual cada enunciado carrega múltiplas vozes e reflete a historicidade da experiência humana.

A construção do sentido não se dá de maneira isolada, mas em um constante processo de interação e reconfiguração discursiva, em que diferentes vozes se entrecruzam e disputam espaços de enunciação. A inovação na educação transcende a mera posse do saber, focando-se na maneira como as linguagens são utilizadas e como os sujeitos empregam seus conhecimentos para agir e transformar realidades (Habermas, 1990). Nesse sentido, as artes emergem como um espaço privilegiado para a imaginação de novos mundos, explorando o potencial das múltiplas linguagens e das relações digitais. Compartilhamos com Nussbaum (2005, p. 133) a compreensão de que “uma função fundamental da arte é desafiar a sabedoria e os valores convencionais”. A inteligência perceptiva permitida pela arte é a favor da vida e da capacidade humana intrínseca e fundamental para a evolução social, reconhecimento do outro e respeito às diversidades.

Mais do que isso, inovadoras são as narrativas (*Erzählung*)¹, as experiências (*Erfahrung*) e as memórias (*Erinnerung*), enquanto fontes criativas propiciadas pela arte.

¹ A teoria da narração mantém sua força e continua a se desenvolver a cada vez que é recontada, num mundo de marcas e rastros, pois não se limita à interpretação, sempre instigando surpresa e reflexão. O narrador reconhece a importância do tédio nos momentos de maior distração. Para ele, o dom narrativo surge durante

Inovar é arte do inacabamento humano², conforme as formas de transmissibilidade cultural. Inovar é a arte de narrar, de contar e dar continuidade a histórias, de cultivar a artesanaria da comunicação, no sentido de se colocar no lugar do outro e permanecer aberto aos novos saberes e leituras do mundo da vida. Gadamer (2010, p. 23) afirma que, “na obra de arte acontece paradigmaticamente aquilo que nós fazemos na medida em que estamos aqui: estruturação constante do mundo”, tal é o que entendemos por inovação.

A partir desse ponto de vista, é importante alinharmos algumas considerações referentes à presença das artes na educação e como ela pode ser proposta de diálogo entre os diferentes campos do saber e do sentir, bem como entender e abordar de que maneira as tecnologias digitais têm comparecido na arte e sobretudo na educação, e com quais vestimentas elas estão sendo colocadas à disposição da sociedade, e principalmente, do mercado. Para tanto, cabe discutir algumas perspectivas da arte na escola e suas abordagens em consonância com e a partir das tecnologias digitais, as suas narrativas possíveis em tempos contemporâneos, e também um tensionamento sobre as tecnologias de Inteligência Artificial (IA) que têm aparecido com bastante ênfase no cotidiano das redes sociais e em nossos contextos de trabalho.

O surgimento de sistemas como a inteligência artificial generativa está transformando a produção, acesso e compartilhamento do conhecimento via plataformização da aprendizagem, desafiando noções tradicionais de autoria, ética e avaliação no cenário educacional. A cultura digital, marcada por colaboração, remix e compartilhamento, amplia a discussão sobre autoria, especialmente com a popularização da IA generativa, exigindo reflexões sobre os impactos éticos, estéticos e práticos na avaliação educacional. O fácil acesso à informação *online* pode levar à superficialidade no aprendizado ou ao plágio, problematizando a qualidade do conhecimento produzido.

Essa discussão se alinha às críticas de Nicoletti (2025, *online*), que questiona a IA como uma jogada de *marketing*, destacando sua limitação em replicar a complexidade da inteligência humana. Para a avaliação educacional, isso reforça a necessidade de abordagens que valorizem a profundidade do pensamento crítico e a autoria genuína, em vez de depender de ferramentas que podem promover superficialidade ou reprodução

o tédio, comparado ao sono para o corpo. Benjamin (1985a) ilustra isso com a imagem poética do tédio como o pássaro de sonho que incuba o ovo da experiência.

² Inacabamento que se modifica ao lado das metamorfoses da percepção e da imperfeição do trabalho pedagógico, imaginando sempre uma nova história.

automática de conteúdo. A avaliação deve, portanto, adaptar-se para incentivar a criatividade e a originalidade, contrapondo-se aos riscos impostos pela cibercultura e pela IA generativa.

Entendemos que o ser humano é paradoxal e a sociedade é repleta de dilemas e estranhamentos. Contudo, quais as possibilidades de aprender a conviver em práticas estéticas, solidárias e socioemocionais do conhecimento nas redes digitais? É possível traduzir narrativas incorporadas por percepções de colocar os sapatos do outro, o corpo do outro, trazendo e atualizando a experiência de alteridade, em diálogo com as expressões através da arte? Teremos a maturidade de produzir e utilizar dispositivos digitais inovadores de narrativas humanas com a ética necessária, levando em consideração todas as camadas da sociedade, para que de fato as tecnologias digitais sejam democráticas e não sirvam apenas ao capitalismo predatório?

Potencializando experiências em tempos de inovação

Os ambientes escolares são ou deveriam ser espaços de formação e de autoformação, de escuta sensível e diálogo entre os sujeitos, sendo essencialmente um lugar de encontro com o outro para a criação de experiências e de escritas solidárias à promoção de uma ética da alteridade. O conceito de responsividade em Bakhtin evidencia a interação dialógica como base do desenvolvimento do sujeito. Ele afirma que vivemos em um mundo de palavras do outro, e toda nossa existência é uma orientação nesse universo, uma reação ativa que começa com a assimilação e se expande na construção da cultura (Bakhtin, 2015). Assim, a autoria não é um ato isolado, mas um exercício polifônico em que diferentes discursos se entrelaçam para dar significado ao conhecimento.

No campo educacional, essa perspectiva dialógica contrasta com epistemologias tradicionais que desconsideram a linguagem comunitária, o corpo e os ambientes como constitutivos da cognição. Bakhtin (2010, p. 66) propõe uma epistemologia ética e interativa, onde o ato responsável surge no reconhecimento da singularidade do existir: “compreender um objeto significa compreender meu dever em relação a ele”. Esse olhar crítico nos ajuda a repensar abordagens pedagógicas, afastando-nos de modelos mecanicistas e behavioristas que limitam a aprendizagem a processos automatizados.

A emergência das ciências cognitivas, da IA e das neurociências reforça a necessidade de compreender o pensamento humano além de modelos reducionistas. As plataformas de aprendizagem adaptativa, muitas vezes baseadas em pressupostos behavioristas, revelam desafios para uma educação dialógica e interativa. Nesse sentido, Bakhtin nos convida a reconhecer que a cognição é um processo dinâmico e situado, fundamentado na interação com o outro e na construção compartilhada do conhecimento.

Ao enfatizar a historicidade e a pluralidade dos sujeitos, a abordagem bakhtiniana permite uma ressignificação das práticas educativas, indicando caminhos para inovação em estudos empíricos contemporâneos. O conhecimento não é uma abstração isolada, mas um evento ético e responsivo, onde a aprendizagem emerge na experiência viva da linguagem e do diálogo.

Conforme Nussbaum (2015), é preciso valorizar a importância do exame crítico e autorreflexivo, para debater sobre e com os artefatos culturais para o aprimoramento da compreensão humana. Nessa compreensão, inovar em educação implica aprender com o coletivo, aprender a conviver na condição de cidadãos do mundo, reconhecendo e se solidarizando com o outro. Para tanto, cabe manter o cuidado com o passado cultural e suas histórias vivas, compartilhando valores, experiências e contando histórias, validadas no aprender com o diferente, com outras perspectivas, formas de ver, agir e criar.

Compreender os processos artísticos, enquanto criação e experiência estética no âmbito da educação, pode ser um catalisador e expensor de entendimentos de mundos potentes e inovadores. Isto porque a arte, enquanto campo de práticas estéticas e sensoriais, dialoga com tecnologias digitais como a inteligência artificial, contribuindo para a formação de alunos mais críticos e criativos. Há estudos que buscam “compreender e repensar as tecnologias, discutindo uma mediação crítica do universo da arte na educação, enquanto gesto reflexivo, intercâmbio dialógico e emancipatório, ao mesmo tempo possível e bloqueado pelas relações opostas e intensas da atualidade” (Conte; Devechi, 2016, p. 1). Porém, para que isso ocorra sob um ponto de vista qualitativo, faz-se necessária uma compreensão ampliada por parte do docente sobre a importância dessas experiências de maneira aprofundada e refletida, e como as mesmas têm a capacidade de modificarem estruturas de pensamento e posturas endurecidas, tanto de estudantes como dos próprios docentes.

Sem sombra de dúvidas, as experiências com a arte são frutíferas em todas as faixas etárias, mas, especialmente, na infância e adolescência são provocadoras de outros olhares e ações. Romper com percepções dogmáticas, a fim de proporcionar autonomia de pensamentos livres e questionadores de padrões viciados, é uma premissa intrínseca ao ato artístico. O que ainda ocorre, com certa frequência, é que o exercício artístico na escola acaba sendo limitado, primeiramente pelo tempo disponível e direcionado a ele, e também pelas metodologias que são aplicadas nas práticas educacionais, por falta de conhecimento ou até mesmo por comodidade.

A arte, como campo do conhecimento, abrange uma diversidade de expressões que vão além das artes visuais. Embora o desenho, a pintura e o recorte sejam frequentemente priorizados nas práticas pedagógicas, outras formas artísticas, como a música, a dança e o teatro, oferecem experiências igualmente ricas, mas ainda pouco exploradas pelos educadores. Contudo, quando esses campos são substituídos por aparatos tecnológicos digitais, a busca por atividades nessas áreas diminui drasticamente. Em um período de tecnologias avançadas que proporcionam um tempo acelerado, sem espaço para reflexão e compreensão dos processos da contemporaneidade, assegurar o espaço da arte é fundamental.

Alguns aspectos que limitam experiências com linguagens da arte mais específicas e fora do lugar comum das artes visuais podem se relacionar com a pouca interação que o próprio docente teve com essas áreas enquanto estudante. Assim, o lugar comum do que experienciou lhe dá mais segurança para tais abordagens. Por isso, a importância que professores de Anos Iniciais e Educação Infantil tenham a possibilidade de contato com a arte, nas suas diferentes linguagens, durante a sua graduação e também em cursos de extensão ou pós-graduação. Para aqueles docentes que vêm de graduações específicas de alguma especificidade da arte e que comumente trabalham com Anos Finais do Ensino Fundamental, EJA e Ensino Médio, buscar correlações que atravessam as linguagens da arte torna-se um diferencial para uma compreensão mais ampliada, de mundo e de suas significações. Só assim teremos outras dimensões do conhecimento despertadas, pensando um mundo contemporâneo desinquieto que dialoga com o passado, presente e futuro, em hibridismos transversais.

A proposta de um hibridismo de práticas direciona-se a perceber também como as diferentes linguagens da arte podem dialogar e criar novos horizontes de compreensão

alargada sobre os signos que nascem e se multiplicam na contemporaneidade. Um exemplo clássico que pode ser citado aqui é a performance. Como modalidade artística híbrida, a performance nasce nas artes visuais como uma proposta diferenciada de abordagem do mundo, usando o corpo como criador, produtor e uma espécie de tela do evento artístico apresentado, efêmero e incitador do comparecimento do público na efetivação da arte proposta. Sob esses moldes,

[...] a performance é um ato de comunicação e, assim, está sujeita às circunstâncias e à situação em que o trabalho se dá: se as condições da recepção variam também vão variar as da própria exibição. Além do mais, o inconsciente do performer estará unido ao dos espectadores que estarão dando parâmetros para sua performance. (Glusberg, 2013, p. 68)

O teatro apropria-se da performance e a veste com outras características das artes da cena. A música, a dança, e, finalmente, as tecnologias digitais viraram partícipes desse movimento, enriquecendo uma diversidade de olhares e sensorialidades que perpassam as diferentes facetas que um evento artístico pode provocar nos espectadores, convidando-os a serem cocriadores e, portanto, artistas também em certa medida. A partir desse contexto, a performance, enquanto evento artístico instigador de outros olhares para a vida, se torna uma antidisciplina (Schechner, 2003), que é avessa a definições limitadas, transbordando para o cotidiano, tentando compreender os diferentes cenários que se mostram na sociedade, tendo a maleabilidade para se adequar aos diversos momentos, tempos e espaços.

A partir de uma proposta assim, os educadores se colocam não apenas como agentes da experiência artística em sala de aula, mas também como uma espécie de propositores-experimentadores, sem a pretensão de realizar uma atividade dessa natureza de maneira correta ou isenta de mutações, que até são bem-vindas no ato criador, permitindo-se, assim, uma fluência improvisada ao sabor do que se apresenta durante tal prática. Essa fluência convida tanto o professor como os estudantes a uma postura de pesquisadores do mundo e das relações que nele são tecidas, de maneira expandida, criativa, livre de regras limitantes e definidoras do que se entende como certo e errado, bonito ou feio, perfeito ou imperfeito, crenças limitantes ainda presentes em abordagens da arte na escola. Romper com esses paradigmas elencados acima permite o

desenvolvimento de um olhar sensível para aquilo que é diferente, no outro e na vida, promovendo relações empáticas mais humanizadas e respeitadas.

Com o advento das tecnologias digitais no cotidiano de boa parte da população, as múltiplas atividades a que estamos submetidos também ganharam espaço no meio digital e on-line. A educação, mesmo que a passos mais lentos do que outros setores, não ficou imune a tal avanço. Porém, pela falta de investimentos em formação continuada e instrumentos tecnológicos e digitais para os espaços escolares, existe uma limitação e receio de incluir estas tecnologias nas práticas pedagógicas, levando a percepções como a falta de “controle” sobre os acessos e usos dos estudantes e desconhecimento por parte dos docentes de aplicativos e/ou plataformas que possam ser utilizados qualitativamente nas aulas. Não por acaso, em disciplinas específicas e aqui, na Arte em especial, o uso das tecnologias digitais e on-line muitas vezes restringe-se a visitas virtuais em museus ou reconhecimento de obras de variados artistas nas diferentes linguagens disponíveis na internet.

Os artefatos tecnológicos digitais e on-line não devem servir como o único recurso ou dispositivo para as aprendizagens e experiências na escola, mas podem agir como provocadores e disparadores de outros entendimentos que mobilizam o conhecimento em pouco espaço de tempo (em situações mais teóricas), a fim de que se disponha de um tempo mais alargado para as práticas sensíveis. Também é possível utilizar alguns recursos digitais para propor a experiência em si, sem o objetivo de torná-la rápida, mas de trazê-la para uma abordagem digital, a fim de refletir sobre as diferenças das práticas manuais/corporais para as práticas digitais, entendendo-se que são formatos diferentes entre si, mas igualmente possibilitadores de experiências artísticas e estéticas. Isso porque virtualidade é sempre atualização e vibração de uma voz efêmera. Segundo Lévy (1996), a arte contemporânea não se limita à transmissão de mensagens, mas cria dispositivos que permitem à criatividade emergir de forma inovadora. O artista, nesse contexto, torna-se um arquiteto de espaços virtuais, ele esculpe o virtual, projetando mundos que abrem caminho para novas narrativas e experiências estéticas que estão por vir.

De qualquer modo, inteirar-se e permitir-se ser criador-experimentador de processos artísticos, sejam eles em modalidades e/ou espaços diversos, contribuem não só para uma relação sensível com as coisas do mundo, mas também com a expansão das possibilidades de escuta, de ações e de posturas enquanto ser no mundo, integrando o

sujeito integral com o sujeito tecnológico (Heidegger, 1995). Nas esferas laborais e no cotidiano, o espaço reservado para a nossa liberdade de imaginação e inovação molda significativamente a educação, o trabalho e a vida. Num contexto comparativo ao vasto tempo evolutivo, observamos que em tempos recentes temos nos dedicado à criação de símbolos que comunicam e expressam a nossa compreensão da incompletude inerente a toda experiência humana. Na quebra de qualquer horizonte presumivelmente conclusivo reside tanto a conquista da clareza racional do conhecimento quanto a sua constante incompletude, que nutre o ímpeto criativo. Nesse limiar entre a simplificação e a complexidade referencial, florescem a criatividade e o conhecimento, viabilizados pela nossa herança evolutiva primordial e pelas características emergentes e distintivas que nos definem. A arte pode agir como esse meio realizador da matéria subjetiva humana no mundo, contribuindo com a expansão de entendimentos e evolução da sociedade que está ligada sobretudo ao que diz respeito ao que é próprio do sujeito, enquanto ser de relações e de experiências, especialmente tecendo novas narrativas, em diferentes roupagens.

Narrativas e inovação

A partir das reflexões de Walter Benjamin, a arte de narrar persiste, estimulando a busca por alternativas e novas abordagens. Para Benjamin (1985), a narrativa não se exaure, conserva a sua força de germinação, sendo capaz de provocar espanto, reflexão e outros desdobramentos mesmo depois de passado muito tempo. Narrar histórias é sempre a arte de continuá-las contando e esta se perde quando as histórias não são mais contínuas ou ficam esquecidas ou estão à espera de quem as resgate. Inovação é, de fato, presença de discussão e do pensamento crítico. Contudo, Benjamin emerge como um interlocutor notável, especialmente quando sua teoria da narração e da experiência é utilizada como um guia, mesmo que eventualmente se possa dispensá-la ao final da discussão: “A imagem pura e simples só me levará ao passado se apresentar alguma característica que me conduza a ele, portanto, a imaginação me remete a um contexto do passado que me permite recordar”. (Martini, 2017, p. 37)

O ato de conhecer, assim como de ver e educar não é coisa natural, precisa ser aprendido. Seu campo semântico se define por oposição ao acaso, ao espontâneo e ao natural. O diálogo e a ação coautoral dos sujeitos do processo de aprendizagem também é fundamental. É através da análise crítica das ações realizadas no presente ou no passado

que se torna possível aprimorar as práticas futuras, bem como suas narrativas. No entanto, essa busca pelo aprimoramento não deve ocorrer de maneira isolada ou individualista, mas em um contexto de comunhão e solidariedade entre os sujeitos envolvidos.

Algumas vezes gosto de falar de pedagogias paralelas, onde o professor emprega, simultaneamente, diversas modalidades de aula. Se a relação dinâmica, questionadora, coexiste com apresentações feitas por estudantes, trabalhos em grupo, trabalhos individuais, redações, trabalhos de pesquisa fora da sala de aula, e assim por diante, a própria forma do curso diminui o risco de que a fala do professor se torne uma palestra para a transferência de conhecimento. (Freire; Shor, 1992, p. 58-59)

Quando o professor cria uma relação de coautoria junto aos seus estudantes, permite-se uma abertura e enriquecimento de um universo de experiências muito mais rico para todas as partes. Isso vale para as diferentes áreas do conhecimento, em que todos, independente da sua idade, têm a possibilidade de colaborar com diferentes perspectivas e olhares sobre a vida por conta dos diferentes lugares de experiência/narrativa pessoal. Ou seja, não é suficiente apenas aceitar as diferenças dos outros no mundo, pois a sobrevivência humana depende do reconhecimento mútuo das diferenças como essenciais para a preservação de cada uma delas. Solidariedade, em contraste com a mera tolerância, implica em estar disposto a lutar pela diferença do outro. É um sentimento militante que nos obriga a nos identificar com o outro em suas singularidades. Reconhecer o estranho como parte de nós mesmos é essencial para conviver em sociedade, especialmente quando confrontados com a incerteza e as metamorfoses insurgentes. A solidariedade é crucial para lidar com as contradições do projeto civilizatório moderno e manter a democracia pela pluralidade da condição humana em novas formas de vida e abertura a linguagens. É importante considerar que as narrativas tecidas em coautoria, nas sociedades contemporâneas e tecnológicas, também necessitam de um olhar metucioso e capaz de produzir, em condição de alteridade, inovações que possam agregar qualidade de vida e de entendimentos de mundo a toda a sociedade, fazendo com que esta seja capaz de autogerir-se de maneira democrática e saudável, visando o coletivo.

Para superar juízos dicotômicos sobre o uso invasivo da IA na educação, é fundamental reconhecer a complexidade e o enraizamento histórico-cultural das

problemáticas educativas. Nesse sentido, as discussões sobre IA com idealizações estéticas e sem a crítica social devem ser conduzidas com minúcia e cuidado, para evitar que a tecnologia seja simplesmente incorporada como um bem de consumo, voltado ao lucro e desconectado das dimensões humanas da sensibilidade e da expressividade cultural. Quando utilizada de forma crítica e criativa, a inteligência artificial pode transcender sua função instrumental, tornando-se um recurso para a ampliação da experiência estética. Por exemplo, plataformas de IA generativa permitem que estudantes criem obras de arte digitais, explorando novas formas de expressão e colaboração, sem perder de vista a dimensão humana e sensível da criação artística.

Como afirma Stededoth (2024), para que as tecnologias não comprometam as capacidades e competências humanas, é necessário resistir a formas de fetichização, metrificação e mecanização que limitam a potencialidade humana a pressões e extremismos, desconsiderando o conjunto das relações sociais das cocriações humanas.

Portanto, para desfeticizar a IA, precisamos reconhecer os trabalhos humanos que estão ocultos por trás das aparências fenomênicas dessa tecnologia. Afinal, exceto na ficção científica, a tecnologia não é capaz de se autonomizar em relação à força de trabalho humana, ou seja, a IA não é capaz de se autoproduzir. Ela é produzida por um tipo de trabalho coletivo que é executado por pessoas com diferentes qualificações como, por exemplo, o trabalho de concepção e aprimoramento de algoritmos, o trabalho de criação de conteúdos que alimentam o aprendizado de máquina e o trabalho de supervisão desse aprendizado que, frequentemente, produz resultados que têm sido chamados de delírios ou alucinações da IA. Além disso, nesse trabalho coletivo também estão incluídas as atividades de concepção, produção e operação de equipamentos que ficam na nuvem, equipamentos de provedores de conexão que transmitem nossos bytes e equipamentos dos usuários da IA. Como se percebe, estamos diante de um complexo conjunto de relações sociais. (Marques, 2024, p. 6-7)

Ao invés de ceder a uma utilização tecnicista, devemos voltar nosso olhar para aspectos que os ajudantes artificiais não podem assumir, como a formação estética e a valorização da experiência sensível. Reconhecendo a IA como um apoio, e não como definidora da formação, abre-se espaço para uma educação que articule a imaginação criadora e a criticidade, alinhando a inovação tecnológica com o propósito de uma educação verdadeiramente humanizadora das linguagens culturais.

Costuras de linguagens coexistentes e olhares

A condição pós-humana³, conforme Santaella (2007), reflete a integração entre o humano e o tecnológico, abrangendo desde a virtualidade e a genética até a inteligência distribuída e os sistemas de informação. Essa nova realidade desafia a educação a repensar suas práticas, considerando a hibridização entre o biológico e o digital na formação dos sujeitos. O humano não é mais pré-definido, mas a sua natureza é transformada e transformadora. Por isso mesmo, os significados mais evidentes, que são costumeiramente associados à expressão pós-humano, unem-se às inquietações acerca do destino biônico do corpo humano. Contudo, reivindicar a existência de corpos pós-humanos significa deslocar, tirar do lugar as velhas identidades e orientações hierárquicas, patriarcais, centradas em valores masculinos. Nessa perspectiva, podemos considerar, por exemplo, o celular como mais do que uma simples ferramenta (com fim operacional em si), mas uma linguagem de prolongamento não apenas da mente, mas também de expansão da sensibilidade e da comunicação. Além disso, Santaella (2023) destaca a Inteligência Artificial generativa (IA generativa) como uma forma de IA capaz de criar novos conteúdos e ideias, abrangendo conversas, histórias, imagens, vídeos e músicas.

Desde o início do ano de 2023, a emergência da Inteligência Artificial Generativa (IAG) de textos e imagens vem provocando a adesão surpreendente de milhões de usuários, acompanhada de uma produção de textos noticiosos e acadêmicos relativos aos seus impactos socioculturais, políticos e estéticos. (Santaella; Braga, 2024, p. 6)

As tecnologias de IA buscam imitar a inteligência humana em tarefas de computação não convencionais. Assim, o ponto enfatizado por Santaella é o surgimento de uma inteligência contínua⁴, na parceria inédita entre humanos e IA, enquanto a inovação pedagógica está ligada à adoção de novos processos e tecnologias que melhorem

³ O debate sobre o pós-humano surge em meados de 1980 a 1990, no caldo da cibercultura emergente e se refere a atual necessidade de repensarmos o humano (ser em transformação) na pluralidade de suas dimensões (corporal, molecular, psíquica, social, antropológica, filosófica etc.). Sobre isso, ver o vídeo de Lucia Santaella e Alexandre Quaresma (2022), disponível em: <https://bit.ly/3YKqZEK>. Acesso em: 1 nov. 2024.

⁴ IA generativa é a tradução intersemiótica entre o humano e a máquina. O corpo pós-humano ou transumano ou neo-humano é uma tecnologia, uma tela, uma imagem projetada e uma nova era para pensar continuamente o humano. Hoje somos capazes de agir internamente e com o próprio corpo, através de um vínculo indissociável com as tecnologias pós-orgânicas (corpo, subjetividade e tecnologias digitais). Inteligência artificial (IA) é um amplo espectro de tecnologias desenhadas para que máquinas percebam, interpretem, aprendam e ajam imitando as habilidades cognitivas humanas (Santaella; Braga, 2024).

a qualidade do ensino e da aprendizagem, ao mesmo tempo em que mantém uma certa distância dos preconceitos antropocêntricos. “Portanto, o trabalho com IA é uma cocriação, em que o artista atua como diretor do processo” (Santaella; Braga, 2024, p. 13).

Toda obra humana passa pelo uso, como parceiro, de algum dispositivo artificial. A criatividade humana é conseqüentemente um processo híbrido, fruto da sinergia produzida pela capacidade simbólica humana e o uso de artefatos que materializam ideias e atitudes. Retire todos os objetos e artefatos da nossa frente (e da nossa formação) e vejam se conseguem enxergar alguma emergente criatividade! O humano sem artefatos não existe! (Lemos, 2023, *online*)

Toda tecnologia de linguagem é, antes de tudo, um constructo social e histórico, que atende a demandas específicas ao mesmo tempo que impõe novas lógicas de produção discursiva. Na interseção dessa tensão emerge a criação artística e a essência da criatividade na vida humana, conforme a conhecemos, pois somos intrinsecamente uma espécie dotada de criatividade. A capacidade de imaginar e criar mundos alternativos não parece ser apenas o fruto de atividades cognitivas isoladas do corpo, mas sim, o resultado de mentes relacionais incorporadas, influenciadas por afetos e emoções que permeiam a experiência da existência.

O desconhecimento sobre a arte estar relacionada à criação da imagem gerada com o auxílio da IA, por exemplo, merece ser discutida, uma vez que vislumbra novas oportunidades para a proposição cocriadora produzida. Ao optar por banir uma obra gerada nesses moldes, acabamos perdendo o horizonte de promover uma narrativa tensionadora e enriquecedora. No entanto, há que se levar em conta os diversos aspectos que estão ligados a um uso inadequado de tais ferramentas, que passam inclusive por uma questão antiética de apropriação de técnicas já desenvolvidas pela mente humana e que são ressignificadas por uma máquina na contemporaneidade. Em pesquisas de outras áreas do conhecimento, como é o caso dos conceitos em linguagens de química, por exemplo, representados na produção de elementos textuais e imagéticos, constatamos:

No que diz respeito às imagens, observamos que as IAG foram capazes de interpretar as representações dos modelos atômicos, embora tenham ocorrido imprecisões em IAG gratuitas. Nas respostas em formato de texto, o ChatGPT 4.0 teve um desempenho conceitualmente mais adequado do que o ChatGPT 3.5, Bing Chat e o Google Bard. Quando solicitamos a criação de imagens, a DALL-E, Adobe Firefly e Leonardo

AI cometeram erros conceituais, misturando elementos de escalas macro e submicroscópicas e incluindo representações de termos de senso comum. Este estudo revelou que diferentes IAG têm características específicas em relação à produção de conteúdo em formatos e linguagens específicas. Reconhecendo essas potencialidades e limitações, é possível considerar o uso das IAGs como recursos complementares na criação de materiais educacionais no contexto escolar. (Giroto Junior; Nascimento Junior; Morais, 2024, p. 299)

Nesses moldes que são dados nas criações artísticas da IA, existe uma base de dados de formas artísticas que passam por um processamento e criam uma outra produção, genérica, impessoal, sem autoria específica, a não ser a de uma máquina. Nesse sentido, o capitalismo opta por “abastecer-se” de arte por esse meio, mais econômico e produzido rapidamente, em detrimento dos artistas que já têm dificuldades em sobreviver apenas da sua arte e que ficam mais enfraquecidos perante uma demanda de produção capitaneada pela máquina, que ele não pode superar. O processo artístico, que demanda uma interação com aspectos extremamente subjetivos da alma humana, em relação com o seu entorno e com o seu interior não podem ser supridos por uma IA, já que esta não conta com os aspectos subjetivos humanos que envolvem o ato criador. Frankenstein, uma obra que explora a dinâmica entre criador e criatura, uma criatura que se volta contra seu criador visual é algo fascinante, pois é mediada por algoritmos de vida artificial (Santaella; Braga, 2024). As máquinas só conseguem trabalhar em diálogo com a capacidade do criador humano, e, para isso, faz-se necessário debates profundos e regulamentações que sejam benéficas para todos, e não apenas para uma parcela da sociedade. O problema está na deslinguistificação e nos afastamentos das pessoas, das relações entre os atores sociais da ação comunicativa, pelo uso do poder e do dinheiro que se encontram na esfera sistêmica das *big techs* e das grandes corporações nas orientações de viés empresarial, influenciando questões de monopólios, privacidade, moderação de conteúdo, práticas trabalhistas, entre outros impactos sociais.

A inteligência artificial é um típico caso de alienação pois trata-se de um produto da criação humana que, ao ser incorporado ao capital constante das *big techs*, não pertence mais aos trabalhadores(as) que criam e aprimoram permanentemente essa tecnologia. Mais do que isso, como esse fruto do trabalho humano volta-se contra seu criador e passa a subordiná-lo, revela-se um caso não só de alienação, mas também de estranhamento. Trata-se de um caso exemplar de inversão da relação sujeito objeto, típica do modo de produção especificamente capitalista. (Marques, 2024, p. 7)

A inteligência artificial, como produto da criação humana, torna-se um instrumento de alienação quando é apropriada pelas grandes corporações tecnológicas, distanciando-se dos trabalhadores que a desenvolvem e aprimoram. Esse processo reflete uma dinâmica capitalista que subordina a tecnologia aos interesses do mercado, em detrimento de sua potencialidade educativa e humanizadora. Isso atrofia as manifestações culturais ancestrais e do conhecimento acumulado no ambiente de origem, bem como na interação com os tempos históricos e atuais, na perspectiva do entendimento mútuo dos mundos vitais (cultura, sociedade e pessoa). Observemos a imagem que segue:

Imagem 1 - Vamos incentivar o trabalho desse lindo garotinho



Fonte: Facebook⁵.

A imagem 1 ilustra bem as contradições éticas em que vivemos, como as questões de privacidade e vigilância, consentimento e uso de dados, manipulação e desinformação, responsabilidade e transparência, a autonomia e controle humano. Ela foi gerada por meio da IA, sendo assim, é real ou imaginada? Quem criou a obra intitulada “Vamos incentivar

⁵ Disponível em: <https://bit.ly/48rptdE>. Acesso em: 17 abr. 2024.

o trabalho desse lindo garotinho”? Se fosse artificial ou não, teria uma dimensão de linguagem artística diferente? Quais investigações e funções de olhar refinado e fazer artístico são forjados nela? Que leitura e reflexão podem ser analisadas no contexto específico, a partir da interpretação e contextualização da obra?

Para a pesquisadora Shoshana Zuboff (2020), as grandes corporações tecnológicas, especialmente *Google* e *Facebook*, desenvolvem um modelo econômico baseado na extração de dados pessoais dos usuários. O *capitalismo de vigilância* transforma dados comportamentais em previsões comercializáveis, influenciando a tomada de decisões dos indivíduos e a cultura de forma ampla. A autora alerta sobre os impactos dessa lógica no controle da informação, na autonomia humana e na democracia, convidando para os debates sobre os algoritmos, a cultura e as interações discursivas. Seu conceito é essencial para entender como os algoritmos afetam a circulação discursiva, a formação de públicos e a produção autoral na era da IA. Na verdade, a informação se tornou mais valorizada do que a materialidade dos fatos com a IA, e a produção textual automatizada afeta a autoria, a (inter)subjetividade e os limites entre humanos e máquinas.

Ana Mae Barbosa, a relação com a arte configura-se em um tripé, que é constituído pela contextualização da obra, o fazer artístico e a análise da imagem, conceituado pela autora como Abordagem Triangular, considerada uma abordagem dialógica (Barbosa, 2014). Ao trabalhar esses contextos a partir de uma IA, muitas questões ficam sem resposta, o que impede um aprofundamento da relação com a arte, especialmente as que possuem dimensão imagética, como são especialmente as artes visuais, o que pode gerar uma espécie de alienação, que já vem ocorrendo paulatinamente. O papel da IA na sociabilidade capitalista pode levar à automação e à redução do emprego humano na produção, exacerbando as contradições da classe trabalhadora quando associada exclusivamente aos interesses do capital (Marques, 2024). Mais do que isso, torna-se urgente repensar o uso da IA na educação com o objetivo de promover uma conscientização crítica sobre as diversas formas sociais, para além das atuais. Dessa maneira, busca-se transformar as formas de linguagem e as práticas de uso dessa tecnologia, questionando o monopólio e o imperialismo associados a ela, e incentivando uma postura crítica e reflexiva que contribua para a emancipação humana. Como diz Stederoth (2024, p. 89), não faz sentido a não utilização dessas técnicas, pois podem

apoiar os processos de formação; no entanto, é preciso garantir que “permaneçam em seu status legítimo de meros ajudantes”.

Diante da perda da dimensão sensível da existência humana e da questionabilidade dos sentidos, das percepções e emoções para alcançar o equilíbrio no cotidiano, a arte é apresentada como um palco de infinitas possibilidades, proporcionando protagonismo frente ao espetáculo da vida. Cabe dar visibilidade à arte no processo de formação humana e de experiências educacionais, destacando suas qualidades estéticas, lúdicas e criativas. A inserção da arte na cultura escolar é urgente, pois quanto mais próximo o ser humano estiver de sua essência, em contato com o mundo sensível, mais próximo estará da plena realização de sua humanidade com o todo e como prioridade de vida reflexiva dentro e fora da sala de aula.

A arte na educação não apenas enriquece a vida escolar, mas também amplia a percepção de mundo dos estudantes, conectando-se a saberes sensíveis que envolvem emoções, memória, cultura e criatividade. Por exemplo, projetos que integram música e tecnologia podem estimular a expressão emocional e a colaboração entre os estudantes. A arte também desperta e desenvolve a curiosidade epistemológica das pessoas, permitindo que experimentem o novo de forma espontânea, além de ajudar em aspectos comportamentais, psicomotores e compreensivos.

Os artistas sabem para onde sopram os ventos vivos da criação e, para seguir nessa direção, não se intimidam diante das tecnologias de linguagem que o seu tempo coloca ao seu dispor. [...] o criador vai colocando suas obras no fluxo da sua história, abrindo brechas nos preconceitos, nostalgias e nos dogmas das ideias fixas. (Santaella; Braga, 2024, p. 18)

O conceito de autoria, longe de ser uma instância fixa, é resultado de uma complexa teia de interações discursivas que envolvem processos de apropriação, reformulação e deslocamento de sentidos. Santaella (2022) aborda a trajetória da linguagem memorial a partir das tecnologias, avançando no que intitula as eras cognitivas comunicacionais do Sapiens. Tudo se inicia com a cultura oral, na transmissão do conhecimento entre gerações, passando pela cultura da escrita e pelas máquinas capazes de produzir linguagem, como a câmera fotográfica, por exemplo, até chegar na era da comunicação de massa, intensificada com o cinema, o rádio e a televisão (Santaella, 2022). Contudo, a memória é a nossa maior riqueza e traz consigo uma dimensão na

contemporaneidade que é conflituosa, gerando ainda mais contradições a partir da disseminação de *fake news*⁶ e à ascensão da pós-verdade. A pesquisadora ressalta que, enquanto a memória humana se expande de forma impressionante, também está sujeita a contradições, especialmente com a captura dos nossos processos cognitivos por algoritmos de inteligência artificial. A memória humana, ampliada pela tecnologia, enfrenta novas ambiguidades à medida que a inteligência artificial captura e processa nossos sentidos cognitivos. Esse fenômeno exige uma reflexão crítica sobre como a educação pode preservar a dimensão humana da memória, sem sucumbir à automatização excessiva.

Conforme nos lembra Nussbaum (2015, p. 11), “a capacidade de raciocinar e refletir criticamente é crucial para manter as democracias vivas e bem vigilantes”. Assim, surge a oportunidade de explorar o vasto campo de possibilidades que a cibercultura oferece à educação de forma ética e coletiva. É preciso experimentar a cultura digital no trabalho performativo do conhecimento com o outro, para enfrentar a realidade hipercomplexa. Afinal de contas, as aulas poderão pulsar com uma energia criativa, onde o digital não eclipsa o humano, mas expande suas possibilidades e o conhecimento se desenha nas paredes, nas palavras e nos sorrisos trocados. E como seriam na perspectiva da máquina, as imagens de experiências autorais e inovadoras em redes colaborativas?

Certamente, observaríamos imagens geradas por inteligência artificial (IA) em que se imitam abertamente o estilo pastiche e genérico de visões artísticas. Sendo assim, veríamos imagens mostrando uma sala de aula onde estudantes e professores interagem com dispositivos digitais e livros, em um ambiente acolhedor e inovador. As imagens poderiam evocar um ambiente de aprendizagem no qual o antigo e a plataforma da aprendizagem dançam juntos, com livros, tablets e hologramas de ideias flutuam como constelações, unindo mentes e corações. Professores e estudantes se encontram não apenas para compartilhar informações, mas para construir sonhos em comunidades investigativas, em círculos de cultura, imaginar futuros e tecer a complexa tapeçaria do

⁶ A disseminação de *fake news* foi se tornando cada vez mais desmedida, em função da proliferação de *bots*, empresas que vendem perfis falsos de redes sociais das quais se valem para a circulação de conteúdos que simulam, tanto na visualidade quanto nos mecanismos de interatividade, atividades dos usuários das redes digitais. Estas entraram decididamente no universo da dataficação e da inteligência artificial (Santaella, 2022). Tudo que é postado nas plataformas das grandes empresas de tecnologia é manipulado por algoritmos capazes de desenhar de modo capilar o perfil de cada usuário em um processo inédito de vigilância e invasão da privacidade.

saber. No entanto, quais as contradições dessa coexistência (humano-máquina), que apresenta um verniz humano dentro de uma caixa-preta do conhecimento?

Compartilhamos também a imagem de uma coruja, que foi obtida de uma tela de computador e que não podemos identificar diretamente se ela foi gerada artificialmente ou se é uma foto real. Para uma análise mais precisa, seria necessário verificar características específicas da imagem, como texturas e detalhes, que ajudam a determinar se é uma renderização artificial em estilo pastiche. Perguntamos: Até que ponto conseguimos perceber a integralidade do ser sem sermos capturados por imagens superficiais do mundo, permitindo que se percam os elementos fundamentais que constituem a experiência social de aprender com o outro?

Imagem 2 - Uma coruja



Fonte: Arquivo das autoras, 2024.

Nesse aspecto, a educação é fundamental ao avanço do compromisso social com a formação da opinião pública crítica, inclusive para reconhecer o senso de respeito nas formas de aprender (autorrealização) e construir uma IA, consolidando a criatividade nas artes e nas ciências, com pensamento estratégico, raciocínio e pensamento adversativo, ou compaixão e empatia enquanto consciência aprendente, em busca da confiança humana. Nessa seara, cabe buscar inspiração em discursos e práticas educacionais capazes de transformar a força inovadora da IA em linguagem inclusiva, de plenitude

humana e felicidade. Já que na IA, as dimensões da semântica, da interpretação textual e da imaginação são limitadas e até manipuladoras de discursos dentro das complexas contradições da existência humana (Lee; Qiufan, 2022).

[...] a IA trará diversos desafios e perigos: preconceitos da IA, riscos de segurança, deepfakes, violações de privacidade, armas atômicas e substituição de trabalhos. Esses problemas não foram causados pela IA, mas por humanos que usam a IA de forma maliciosa ou descuidada. [Tais problemas são] superados com criatividade, engenhosidade, tenacidade, sabedoria, coragem, compaixão e amor humanos. Em particular, nosso sentimento de justiça, nossa capacidade de aprender, nossa audácia de sonhar e nossa fé na atuação humana sempre salvaram o dia. (Lee; Qiufan, 2022, p. 469)

Resta a questão para novos desafios, especialmente frente ao menosprezo da corresponsabilização humana para o uso da IA: a lógica técnica e econômica que fundamenta a IA na sociedade contemporânea limita o potencial pedagógico e social da atividade educativa, ou é possível alinhá-la a um conjunto de ações críticas que promovam uma coordenação humanística, ética e criativa? A injustiça desses sistemas de IA ocorre por terem sido treinados com dados automatizados, desbalanceados e sem curadoria educacional sobre o que se quer ensinar para evitar histórias únicas e estereotipadas. Há lacunas na interpretação e na relação com os referenciais nesse campo fabricado da IA, o que demanda maior refinamento e articulações teórico-metodológicas. A inclusão digital na educação apresenta, assim, algumas limitações, especialmente quando não leva em conta os impactos da IA na sociabilidade e na formação leitora dos sujeitos. Há uma superficialidade dos impactos na escola e dissonâncias entre IA e culturas escolares, enquanto espaço de construção coletiva do saber, sendo afetada pelo uso excessivo de tecnologias digitais que substituem a oralidade e o contato humano.

A sociedade contemporânea, marcada pela interconectividade e por um tsunami digital, navega em um período de incertezas, contradições e transformações rápidas e instantâneas, tendo a cultura digital como importante estratégia de aprendizagem, de comunicação e de relacionamentos. Talvez o fio condutor seja o horizonte reflexivo das experiências educativas que dialogam com o cenário da cultura digital, revelando, nos elementos e interseccionalidades dos textos, uma dimensão da função humana, social e educacional. Inspirando-se nas palavras de Bakhtin (2015, p. 209),

a linguagem só vive na comunicação dialógica daqueles que a usam. É precisamente essa comunicação dialógica que constitui o verdadeiro campo da vida da linguagem. Toda vida da linguagem, seja qual for o seu campo de emprego (a linguagem cotidiana, a prática, a científica, a artística, etc.) está impregnada de relações dialógicas.

Destaca-se, portanto, como uma força inovadora que ultrapassa as barreiras da padronização e da adaptação, não substitutas do processo formativo do qual as relações humanas se fazem fundamental. Partimos da compreensão de que a cultura tecnológica já é uma realidade que está transformando a nossa vida cotidiana e as nossas relações com o saber e com o outro, não tendo como evitá-la. Entendemos, entretanto, que diante dos diversos desafios colocados, seja pela simplificação do pensamento reflexivo no que se refere as discussões humanas, pelo impacto na formação emocional e social ou pela simplificação das relações sociais reais, é da responsabilidade dos professores trabalharem com os recursos tecnológicos de forma crítica, desenvolvendo o espírito crítico nos estudantes. Nos diferentes discursos, “há controvérsias e muitas preocupações a respeito das tecnologias nos processos de ensino e de aprendizagem, especialmente pelo fato da ausência de políticas voltadas à formação e educação tecnológica dos educadores” (Pugens; Habowski; Conte, 2018, p. 496).

Para nós, inovar com as tecnologias é permitir um trabalho crítico, colaborativo, criativo, ético e inclusivo de modo a não substituir o espaço da formação humana, que só pode ser potencializado por relações não mecanizadas. Em outros termos, experiências (co)autorais e inovadoras em redes nos mundos ciberculturais exigem estímulos cooperativos aos processos evolutivos de educar.

Considerações finais

A IA, longe de ser apenas um instrumento de automatização, emerge como um agente ativo na produção e circulação de discursos, impondo desafios éticos e epistemológicos que exigem novas categorias de análise. Conclui-se que a presença da IA no campo discursivo demanda um olhar crítico sobre seus impactos políticos, éticos e estéticos, questionando os limites entre autoria, previsibilidade e inovação.

Ao tomarmos a arte e a tecnologia como dimensões inacabadas, próprias da incessante artistagem humana, reconhecemos nelas não um ponto final, mas uma abertura

permanente para a experimentação, a reimaginação e o questionamento do existente. Essa incompletude não apenas reflete a natureza humana, mas potencializa sua capacidade de reinventar sentidos e construir novos horizontes estéticos e éticos, reafirmando a necessidade de abertura à mudança como retomada da valorização da prática social. Vale lembrar que a arte é mediadora no processo educacional, especialmente em tempos de transformações digitais. Ressaltamos, ainda, os desafios apresentados pelo uso de tecnologias digitais na educação, como a IA, apontando os limites de sua funcionalidade quando dissociada da sensibilidade e interpretação humana. Como caminho para a inovação educacional, propomos a integração de teorias que valorizem a ação livre, criativa e autônoma, aliando a arte e as tecnologias de forma ética e crítica. Essa abordagem pode fomentar práticas pedagógicas sensíveis e transformadoras, capazes de formar sujeitos criativos e conscientes de sua alteridade.

Há uma profunda angústia resultante do (des)controle do tecnicismo contemporâneo perpetuado pela nossa civilização e que agora nos ameaça, ultrapassando todas as barreiras sólidas anteriormente estabelecidas em relação à nossa própria humanidade. Nos ensaios e notas finais sobre inovação formativa, mestiçagem cultural e humanista, precisamos polir as lentes para algo que nunca cessa de aparecer no mundo da cultura, colocando em questão os modos de produção e de ser humano, manifestados numa espécie de inteligência contínua e paradoxal em todas as formas de linguagem e de cognição, com repercussões na política, na educação, na cultura e no psiquismo humano. Esse sentimento desconfortável e perturbador é fundamentado em nossas próprias ações criadoras no mundo ao nosso redor.

É interessante notar que a interface da comunicação e do humano através da inovação formativa interdepende de uma inteligência artística, solidária e contínua e sugere uma nova era na evolução cognitiva da humanidade, caracterizada por outros processos comunicativos, tecnológicos e colaborativos, para dar conta da complexidade das novas formas de linguagem, aprendizagem e pensamento. Essa revolução cognitiva tem o potencial de transformar profundamente a forma como os sujeitos interagem com o mundo e uns com os outros, impulsionando a inovação gradual e coletiva em todas as áreas da vida pela humanização. Utilizar as tecnologias digitais de modo qualitativo no ensino e fruição das artes requer um entendimento ampliado, primeiramente, das suas possibilidades enquanto complemento para a criação e (inter)subjetividade humana,

instigando outras formas de expressão (co)autoral (como as artes digitais, por exemplo, realizadas através de tecnologias digitais pelas mãos de artistas), que têm identidade própria, intenção e inovação, realizadas através do ser humano; do contrário, um pequeno recorte de detentores de poder estarão lucrando com tais inovações, e mantendo o restante da sociedade sob os ares da tecnologia digital que aliena, e não liberta. Portanto, a integração da arte e das tecnologias digitais na educação precisa estar justificada em uma perspectiva ética e crítica, promovendo práticas pedagógicas sensíveis e transformadoras que potencializem a formação de sujeitos criativos, solidários e conscientes de sua alteridade.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Ana Mae. *A imagem no ensino da arte: anos 1980 e novos tempos*. 9. ed. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2015.
- BAKHTIN, Mikhail. *Para uma filosofia do ato responsável*. São Carlos: Pedro & João, 2010.
- BENJAMIN, Walter. *Coleção Grandes Cientistas Sociais*. São Paulo: Ática, 1985.
- BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, 1985a.
- CONTE, Elaine; DEVECHI, Catia Piccolo Viero. A experiência estética em tempos de virtualização tecnológica. *Cadernos de Pesquisa*, Fundação Carlos Chagas, v. 46, p. 1216-1233, 2016.
- FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. *Medo e Ousadia: cotidiano do professor*. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- GADAMER, Hans-Georg. *A hermenêutica da obra de arte*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- GIROTTI JUNIOR, Gildo; NASCIMENTO JUNIOR, Wilton J. D.; MORAIS, Carla. Avaliação de tecnologias de inteligência artificial generativa na produção de elementos textuais e imagéticos sobre conceitos de química. *Challenges 2024: Espaços e Caminhos OnLife*, p. 299- 311, 2024.
- GLUSBERG, Jorge. *A arte da performance*. Tradução de Renato Cohen. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- HABERMAS, Jürgen. *Para a reconstrução do materialismo histórico*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1990.

HABOWSKI, Adilson C.; CONTE, Elaine; PUGENS, Natália de B. A Perspectiva da Alteridade na Educação. *Conjectura: Filosofia e Educação*, Caxias do Sul, v. 23, p. 179-197, 2018.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo* (parte I). Petrópolis: Vozes, 1995.

LEE, Kai-Fu; GIUFAN, Chen. *2041: como a inteligência artificial vai mudar sua vida nas próximas décadas*. 1. ed. Rio de Janeiro: Globo livros, 2022.

LEMOS, André. *Frankenstein*. André's Newsletter. 2023. Disponível em: <https://bit.ly/3YrGNKP>. Acesso em: 30 abr. 2024.

LÉVY, Pierre. *O que é o virtual?* São Paulo: Ed. 34, 1996.

MARQUES, Rodrigo Moreno. O que Marx teria a nos dizer sobre a inteligência artificial? *Trabalho & Educação*, Belo Horizonte, v. 33, n. 2, p. 6–9, 2024.

MARTINI, Rosa Maria F. *Paul Ricoeur: pontos da tessitura de um filosofar*. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2017.

NICOLELIS, Miguel. Nem inteligente, nem artificial: IA é jogada de marketing, diz Nicolelis. *Tilt*, São Paulo, 1 fev. 2025. Disponível em: <https://www.uol.com.br/tilt/noticias/redacao/2025/02/01/nem-inteligente-nem-artificial-ia-e-jogada-de-marketing-diz-nicolelis.htm>. Acesso em: 2 fev. 2025.

NUSSBAUM, Martha. *Sem fins lucrativos: Por que a democracia precisa das humanidades*. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

NUSSBAUM, Martha. *El cultivo de la humanidad: Una defensa clásica de la reforma en la educación liberal*. Barcelona: Paidós, 2005.

PUGENS, Natália de B.; HABOWSKI, Adilson C.; CONTE, Elaine. Os processos de ensino atravessados pelas tecnologias digitais. *EmRede - Revista de Educação à Distância*, v. 5, p. 496-509, 2018. DOI: <https://doi.org/10.53628/emrede.v5i3.371>

ROSA, Hartmut. *Aceleração: A transformação das estruturas temporais na Modernidade*. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

SANTAELLA, Lucia. Pós-humano: por quê? *Revista USP*, São Paulo, n. 74, p. 126-137, jun./ago. 2007.

SANTAELLA, Lucia. Em defesa da memória. *Musimidi*, v. 3, p. 107-114, 2022. Disponível em: <https://bit.ly/3Ys2RFI>. Acesso em: 1 nov. 2024.

SANTAELLA, Lucia. Inteligência contínua: A sétima revolução cognitiva do Sapiens. *TRANS/FORMAÇÃO*, Marília, v. 46, p. 347-362, 2023.

SANTAELLA, Lucia; BRAGA, A. A Inteligência Artificial Generativa e os Desconcertos no Contexto Artístico. *Revista GEMInIS*, v. 14, n. 3, p. 5–20, 2024. DOI: <https://doi.org/10.14244/2179-1465.RG.2023v14i3p05-20>. Acesso em: 1 nov. 2024.

SCHECHNER, Richard. O que é performance. O Percevejo, Revista de Teatro, crítica e estética. *Estudos da Performance*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 12, p. 25-50, 2003.

STEDEROTH, Dirk. Bildung 4.0 – sobre a economia, a digitalização e a (ro)botização da formação. In: DALBOSCO, Cláudio A.; MARASCHIN, Renata; DEVECHI, Catia P. V. *Educação Formadora*. Passo Fundo: UPF Editora; Brasília: Editora da UnB, 2023. p. 77-98.

ZUBOFF, Shoshana. *A era do capitalismo de vigilância: a luta por um futuro humano na nova fronteira do poder*. 1. ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020.

Contribuição das autoras

As autoras Elaine Conte, Catia Piccolo Viero Devechi e Patrícia Gusmão Maciel contribuíram na concepção, redação e revisão crítica do artigo “Inteligência artificial e construção da autoria: disputas discursivas na era algorítmica”. Dessa forma, são corresponsáveis por todos os aspectos do trabalho e garantem a exatidão e integridade da coleta e análise de dados, escrita do texto e revisão final.

Declaração de conflito de interesse

As autoras declaram que não há conflito de interesse com o presente artigo.

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.